

Vitrine Virtual: comunicação, práticas corporais e sociabilidade no *Grindr*

Virtual Window: communication, body practices and relationships in Grindr

Oswaldo da Silva Vasconcelos

Mestrando e bolsista Capes na Universidade da Amazônia. Av. Alcindo Cacela, 287, 66060-902, Belém, PA, Brasil. osvaldosvasconcelos@gmail.com

Manuela do Corral Vieira

Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará. Rua Augusto Corrêa, 01, 66075-110, Belém, PA, Brasil. manuelacvieira@gmail.com

Danila Gentil Rodriguez Cal

Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará. Rua Augusto Corrêa, 01, 66075-110, Belém, PA, Brasil. danilagentilcal@gmail.com

Resumo. O objetivo do artigo é analisar a utilização do aplicativo *Grindr* como ambiente de comunicação e de sociabilidade *gay online*. Busca-se compreender como a exposição dos corpos no *Grindr* participa das definições das possíveis relações entre os sujeitos. De modo mais específico, analisam-se as tensões comunicacionais entre segredo e visibilidade a partir desse aplicativo. Como referencial teórico, partimos das concepções de armário de Sedgwick e Miskolci, de cibercultura de Levy, de cibercidade de Lemos e de “imitação prestigiosa” de Mauss. Como referencial metodológico, realizamos pesquisa etnográfica com 23 usuários do *Grindr* e enfocamos, neste artigo, nove usuários representativos desse universo residentes na cidade de Belém (PA). Os resultados permitiram explorar e analisar definições em torno das preferências sexuais, corporais e comportamentais dos usuários e relacioná-las aos estudos sobre o homoerotismo na cibercultura.

Palavras-chave: cibercultura, *Grindr*, sociabilidade *gay*, corpo.

Abstract. The paper aims to analyze the use of the Grindr app as an online environment of communication and construction and development of gay sociability. We seek to understand how the exposure of bodies in Grindr participates in the definitions of the possible relationships between subjects. More specifically, we analyze the communicational tensions between secrecy and visibility from that app. As a theoretical framework, we left the cabinet conceptions of Sedgwick and Miskolci, Levy's cyberculture, Lemos' cybercity and Mauss' "prestigious imitation". As the methodological framework, we conducted ethnographic research with 23 users of Grindr, but analyzed nine in this article who live in Belém (PA). The results allowed us to explore and analyze definitions around users' sexual preferences, body and behavior and relate them to the studies on the homoeroticism in cyberspace.

Keywords: cyberculture, Grindr, gay sociability, body.

Login

As tecnologias do ciberespaço, que se misturam cotidianamente na sociedade, criam novos mecanismos e produtos que penetram nas diversas esferas da atividade humana (Lévy, 2009), transformando não somente as relações em si, mas os indivíduos e também a forma como essas relações são encaradas e, por conseguinte, sustentadas. Nesse *boom* tecnológico trazido pela internet, tendo os computadores, inicialmente, como únicos mediadores entre sujeitos que se relacionavam na rede (Lemos, 2005), verificou-se uma profusão de novos dispositivos, tais como *smartphones* e *tablets*, por exemplo, no auxílio rápido e eficaz da interação entre pessoas.

Especificamente em relação às formas de sociabilidade existentes na cibercultura, é possível perceber o surgimento de uma nova “teia social digitalizada” (Benakouche, 2000, p. 39), a partir do crescente número de pessoas que interagem nas variadas redes sociais¹ e nos Apps² (Recuero, 2009a). Nessa teia, os objetivos principais são a troca de informações, as conversas, o aumento e a vivência do capital social do sujeito e a experiência da sociabilidade em novos cenários (Vieira, 2013).

É nessa mixórdia que surge, em 2009, o primeiro aplicativo voltado exclusivamente para a sociabilidade gay: o Grindr. Esse aplicativo foi criado na cidade de Los Angeles em virtude da escassez de locais de sociabilidade naquela cidade (Miskolci, 2013). Miskolci afirma que a cidade estadunidense, conhecida pela ausência de um centro específico de sociabilidade, dada sua grande dimensão e também por uma crescente privatização dos espaços públicos, além do heterossexismo, impedem a exposição de práticas homoeróticas. O inventor do aplicativo, um israelense chamado Joel Simkhai, em entrevista para o portal Ambiente G, quando indagado sobre o motivo da criação, afirmou:

La idea llegó porque empecé a frustrarme con todas las webs de contactos y con la siguiente idea: “¿Por qué la localización no tiene más prioridad?” Puedes buscar por ciudades pero ¿qué pasa con el chico que está en tu misma habita-

ción, en tu edificio o al otro lado de la calle? La tecnología para resolver este problema no estaba disponible³ (Simkhai, 2010, s.p).

A grande novidade, portanto, do Grindr, foi a utilização do GPS (*Global Positioning System*), que possibilitava a criação de um ambiente de sociabilidade online, onde os possíveis parceiros pudessem ser localizados e as distâncias pudessem ser mostradas na tela do *smartphone*. Conforme destaca Manuela Vieira: “A situação relacional entre sujeitos e contextos passa a ser, então, fundamental para que o indivíduo possa persistir em seu próprio ser, à medida que esse é resultado dessa interação com o outro e consigo” (2016, p. 29). Neste artigo, buscamos compreender como a exposição dos corpos no Grindr participa das definições das possíveis relações entre os sujeitos. De modo mais específico, estamos interessados ainda em analisar as tensões entre segredo e visibilidade a partir desse aplicativo de sociabilidade gay.

Podemos compreender esse fenômeno a partir da noção de “imitação prestigiosa” (Mauss, 1974), que aqui é direcionada para a forma como o brasileiro, dotado de uma cultura diferente da do estadunidense, apropria-se do aplicativo, constrói seu comportamento e molda o desejo baseado na exposição do corpo que será apresentado naquele ambiente. Ainda de acordo com Mauss (1974), a adjacência de comportamentos que englobam o hábito, o costume, a crença e a tradição, que primordialmente caracterizam qualquer cultura, também pode ser direcionada ao corpo e a toda a esfera e utilização que será feita deste enquanto meio de comunicação e de interação social. Dominique Wolton destaca que, na atualidade, considerando as tecnologias e a transposição e transformações na concepção da clássica maneira de se conceber território, sujeitos e mundo vivem experiência dinâmica e, muitas vezes quase instantânea de aproximação e de constantes trocas comunicacionais, uma vez que “Ontem o tempo da deslocação permitia que nos preparássemos para o encontro com o outro; hoje, tendo desaparecido esse intervalo de tempo, o outro está presente quase imediatamente” (Wolton, 1999, p. 45).

¹ Recuero (2009b) define rede social como um conjunto de dois elementos: atores e conexões, que interagirão e criarão laços, fortes ou não.

² App é a abreviatura de application, ou seja, aplicação. Aplicação essa que é instalada em dispositivos de comunicação.

³ “A ideia surgiu porque eu comecei a ficar frustrado com todos os sites de contato com a seguinte ideia: ‘Por que a localização não tem prioridade?’ Podes procurar cidades, mas o que acontece com o cara que está na sua mesma sala, em seu prédio ou do outro lado da rua? A tecnologia para resolver este problema não estava disponível” (Simkhai, 2010, s.p., tradução nossa).

Mauss (1974) ainda sinaliza que os sujeitos assemelham comportamentos e construções corporais com o objetivo de lograr êxito rumo ao prestígio, mas que isso não ocorre de maneira consciente, porque a imitação é algo que vem de fora para dentro, e não o contrário, como comumente é pensado. Dessa forma, em nossa pesquisa, entendemos que o significado que o *Grindr* ganhou mundo afora, incluindo o Brasil, onde os corpos jazem enfileirados, e em constante movimento pela tela do *smartphone*, é algo diferenciado, se levarmos em conta os fatores sociais e culturais aí envolvidos. Focamos nossa investigação em perfis localizados na cidade de Belém (PA) e observamos alguns dos processos e das intencionalidades que determinadas conversas, bem como a própria escolha de interlocutor, são realizadas, ao relembrar o pensamento de Wolton, o qual alerta para a importância de estabelecer códigos de conduta e de trocas de mensagens próprios, os quais consigam mediar, diplomaticamente, esta instantaneidade e o acesso direto, e quase que imediato, ao Outro.

Oi, quer tc?

“Tá afim de uma pegação entre machos, sem frescuras e no sigilo?”, é dessa forma que Macho⁴, usuário de 28 anos, inicia o diálogo com o pesquisador⁵. A frase, preservadas as devidas especificidades, é comum nos aplicativos de sociabilidade gay usados em Belém, notadamente no *Grindr*. A mensagem, direta e limitadora, impõe as três funções básicas do objetivo desse estudo: a prática sexual, a masculinidade e o anonimato. A esfera entre público e privado torna-se, assim, tênue, levando ao que Eric Landowski (1992) denomina como “sociedade refletida”, baseando-se na reflexão das transformações que as tecnologias conferiram às trocas comunicacionais e ao acesso ao conteúdo em paralelo com a vivência e construção do subjetivo.

A cidade de Belém (PA), segundo o IBGE (2014), é a 11ª cidade mais populosa do país, e a segunda da região Norte. Ainda de acordo com o órgão, o aumento demográfico verificado na capital é ascendente em todos os levantamentos feitos até então. De acordo com Galvão e Correa (2015), o aumento populacional

sempre em elevação, provoca uma verticalização urbana notável, onde pode ser percebida uma segregação tanto habitacional, quanto social, pois a elitização verificada provoca o aparecimento de guetos urbanos de sociabilidade.

O Grupo Homossexual do Pará (2005) mapeou os locais de sociabilidade gay na cidade e identificou alguns pontos, mas Silva Filho (2015), analisando os mesmos locais, assevera que pouca coisa mudou, destacando que alguns lugares permanecem, mas outros fecharam, não havendo substituição. Em virtude disso, o ciberespaço vem preencher, de certo modo, os espaços de sociabilidade que a cidade não materializou, criando-os por meio de aplicativos, sites de relacionamentos, redes sociais e/ou comunidades virtuais (Lemos, 2005).

É na cibercidade, enquanto resultado da combinação entre a cibercultura e das vivências e experiências da cidade (Lemos, 2005), que a sociabilidade gay, tecida no universo virtual, mostra a vitalidade que não é percebida na cidade. Para melhor entendermos as lógicas que regem a sociabilidade existente no aplicativo, foram entrevistados 23 usuários, divididos em três categorias: assumidamente ativos, assumidamente passivos e assumidamente versáteis⁶. Entretanto, num recorte específico, selecionamos nove usuários (três de cada grupo), pois além dos limites de espaço impostos ao presente trabalho, percebemos que algumas falas tornaram-se similares, não havendo necessidade, portanto, de reproduzi-las.

As entrevistas ocorreram totalmente em ambientes *online*, ora no *Grindr*, ora no *Skype*, no período de fevereiro a maio de 2015. Os critérios adotados para a seleção dos entrevistados priorizaram aspectos da imitação prestigiosa de Mauss (1974) no tocante ao corpo e ao uso deste na construção de algo a ser atingido, pois no *Grindr* alguns detalhes foram observados: uso, no perfil, de fotos que destacassem ou o peito, ou o abdômen, ou os braços, ou as costas, partes que verificamos serem muito valorizadas, posto que são comuns nos perfis; e o registro, também no perfil, da preferência sexual do usuário em “ativo”, “passivo” ou “versátil”.

Dos nove entrevistados, de acordo com as informações prestadas, os seis que declararam serem ativos ou passivos afirmaram possuir formação com nível superior ou em vias de

⁴ Procurando preservar a identidade dos entrevistados, não usaremos seus respectivos nomes, substituindo-os por apelidos bastante usados por diversos usuários na rede, que dentro da lógica desse estudo, reforçam aspectos da heterossexualidade.

⁵ A pesquisa de campo foi conduzida por Oswaldo Vasconcelos.

⁶ Indivíduo que prefere ser, durante o ato sexual, tanto ativo, quanto passivo.

Quadro 1. Entrevistados e as preferências declaradas.**Chart 1.** Interviewees and declared preferences.

Entrevistados apelido	Preferências de parceiros explicitadas no aplicativo
Macho	Homens másculos e voz grave
Brother	Homens discretos, sem afetação e fora do meio
Socador	Barba, penetração sem lubrificante e macho
Presença	Ativo de verdade e com barba
Parça	Homens malhados, com barba, ativos e sem afetação
Viril	Homens ativos
Flex	Pegação e algo mais
Desencanado	Não fumantes e que curtam tudo
Verst	A fim de onda sem frescura

Fonte: Pesquisa de Campo (2015).

conclusão; são brancos e moram no centro da cidade. Dos que afirmaram ser versáteis, um é funcionário de uma loja de departamentos, um é universitário e bolsista do Prouni⁷ e outro é dançarino num grupo de danças folclóricas; dois afirmaram ser morenos e somente um disse ser negro. Todos se declaram gays, de classe média, “fora do meio”⁸, residentes em Belém, e sabiam previamente da realização da pesquisa. Contudo, mesmo tendo os nove participantes como foco, observamos, também, outros perfis, pois mesmo dentro do recorte feito por nós, a fluidez de corpos expostos é constante e significativa para o entendimento de aspectos relevantes dessa pesquisa.

Para este estudo, foi criado um perfil no aplicativo, sem nome, apenas com uma foto de rosto. Depois de alguns contatos iniciais, percebemos que a abordagem seria mais profícua se fosse realizada uma observação participante. Esse método foi o mais adequado, pois sempre que se iniciava um diálogo com algum usuário, era preciso explicar a condição de pesquisador, informação que em inúmeras oportunidades vinha acompanhada de palavras indelicadas, seguida por uma impossibilidade de contato, pois o usuário havia bloqueado o perfil. Diante de tais obstáculos, mudamos a estratégia, passando a indicar a condição de pesquisa após o início do contato. Seguindo os caminhos trilhados por Peirano (1995), fizemos da nossa presença no aplicativo algo próximo ao aventureiro que só quer

“jogar conversa fora, para extrair o máximo de informações sobre o *modus operandi* de dado grupo e de dada pessoa” (Peirano, 1995, p. 71).

A escolha por não adotar um nome não causou problema algum, pois descobrimos de imediato que um nome é dispensável quando se tem uma foto de rosto. Simmel (1999) qualifica o cerne dos círculos sociais enquanto factíveis, ou seja, são oriundos das diversas liberdades do indivíduo, mas, contraditoriamente, inflexíveis, posto que os atores envolvidos na estrutura social de dado círculo lançam mão de suas posições para tecerem a organização interna, a ambientação, tudo girando em torno da relação face a face. Ainda sobre esta questão, Recuero afirma que:

[...] o espaço digital é um espaço fundamentalmente anônimo, graças à mediação. Como o corpo físico, elemento fundamental da construção da situação de interação, não é um partícipe do processo no espaço mediado, há uma presunção de anonimato gerada pela própria percepção deste (Recuero, 2012, p. 44).

Sendo assim, a foto escolhida para compor o perfil era do rosto do pesquisador que também deixava visíveis tatuagens nos ombros. Após a inclusão da imagem, rapidamente houve interesse dos usuários e as conversas foram acontecendo. Os pedidos de contato via *app* foram constantes. Contudo, alguns desses diálogos foram descartados a partir da recusa dos usuários em serem interlocutores na pesquisa.

⁷ O Programa Universidade para Todos (Prouni) é um programa do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004, que concede bolsas de estudo integrais e parciais (50%) em instituições privadas de ensino superior.

⁸ Estar fora do meio, de acordo com eles, é não frequentar boates, bares LGBT, nem possuir amigos assumidamente homossexuais.

O que curte?

Macho, o primeiro entrevistado, é publicitário. Iniciou contato e sem cerimônia afirmou ser “100% ativo e muito macho”. Ao afirmar ser ativo de pronto, o usuário marca território. As fotos de perfil dizem como a sociabilidade é pautada no *Grindr*. Recuero (2012) afirmou que a construção do sujeito em rede, com o desenvolvimento da linguagem e do contexto comunicacional, é necessária para a “visibilidade daquele com quem se fala, é fundamental à interlocução. A partir dessa construção, tem-se a presença, ainda que ‘virtual’, que permite a situação da conversa” (Recuero, 2012, p. 44). A preferência de Macho por homens “ másculos”, “que exalem hormônio”, e que tenham “pegada e voz”, aliada à exposição de partes do corpo, consideradas atraentes para boa parte dos usuários, dizem muito além do que se pode inferir, não somente acerca deste entrevistado, mas também de muitos outros usuários do aplicativo, razão da grande quantidade de imagens de partes do corpo e do detalhamento no perfil por tais características.

É preciso levar em consideração que os corpos que aparecem nos perfis de modo a atrair outros usuários, independente de objetivos finais, têm um passado, uma história e, muitas vezes, mostram-se determinantes sobre o início e o desenvolvimento da conversa na rede do *Grindr*. Macho, ao relatar sobre os motivos da exibição da foto de sunga e com os músculos à mostra, como era a foto então utilizada por ele, afirma que “os caras gostam de ver, pira num peito duro, numa barriga chapada, aí fica mais de boa arranjar uma trepada, parceiro” (ver Figura 1).

Foucault (2011), discorrendo sobre a história do corpo, afirma que “nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens” (Foucault, 2011, p. 27). Nesse sentido, como as imagens de partes corporais ilustrando perfis no *Grindr* são comuns, podemos fazer inferências. Ao lançar mão desse recurso claramente chamativo, os usuários buscam na superfície da pele, na prática do *bodybuilding*⁹ (Goés, 1998) um acesso facilitado ao corpo do outro, naquilo que Courtine (2005) chama de “músculo-espetáculo”. Para este autor, os homens narcisistas que habitam os seios das grandes cidades,



Figura 1. Interface do *Grindr*.

Figure 1. Grindr interface.

Fonte: Print screen do aplicativo no sistema operacional Android.

principalmente, são notáveis pelas características que partilham, como corpos “inchados, [...] bronzeados, cuidadosamente depilados e lubrificados” (Courtine, 2005, p. 83).

Nessa perspectiva, podemos recorrer também a Mauss (1974) que afirma que é em virtude da “imitação prestigiosa” que os corpos são construídos e expostos e que todas as práticas culturais levam a uma arquitetura cultural do corpo onde determinadas características são mais apreciadas que outras. O corpo, nessa lógica, vai assumir importância, dependendo do contexto no qual dada sociedade está inserida e seus membros, por meio da “imitação prestigiosa”, imitarão os arquétipos corporais que lograram êxito, seja através de gestos, seja através de comportamentos. Acerca desta relação entre corpo e tecnologia, Lúcia Santaella ratifica que “não é de se estranhar que o corpo, na multiplicidade de facetas e dimensões que apresenta, esteja convertido hoje no grande tema da cultura do qual nenhuma área das ciências do homem pode escapar ilesa” (Santaella, 2004, p. 64).

⁹ A prática do *bodybuilding*, também conhecido como Culturismo, tem como principal meta, aperfeiçoar a estética corporal, o usuário fazendo uso intensivo de pesos, aparelhos de musculação e halteres.

Ao entender o corpo como o elo de vivência e de comunicação entre as pessoas, principalmente no tocante à interação entre elas, Rabinow (1999) destacou que o cerne da interação sempre atravessará o campo “sagrado e transformará o ator racional” (Rabinow, 1999, p. 160), dentro da lógica do mercado, tanto das trocas restritamente simbólicas, quanto das práticas afetivas. Desse modo, a encenação entre os corpos expostos no Grindr é facilitada tanto por quem se expõe, como por quem assiste à exposição, transformando-os em atores, uma vez que “o indivíduo expressa e demarca parte de seu subjetivo, de sua identidade, a partir do que publica, seja através de imagens ou de informações textuais que podem ter um sentido de ação” (Vieira, 2016, p. 31).

Para Macho, bem como para os demais entrevistados, um corpo construído com musculação é fundamental na hora de buscar um parceiro sexual, pois isso define distinções entre os demais homossexuais, principalmente em Belém¹⁰, já que ao reclamarem dos limites geográficos da cidade e do fato de as pessoas sempre se “esbarrarem” nos poucos locais de sociabilidade, eles entendem que a prática da musculação os separa dos homossexuais “que dão pinta, falam como gato miando de madrugada e usam calça *skinny*”, como ressalta Macho. Outro usuário apelidado de Socador, administrador de empresas, 27 anos, afirma que os lugares onde tocam *reggae* estão cada vez mais “infestados de viadinho. Lá naqueles bares da orla é foda, cara. Aí, parceiro, só indo de regata e mostrando os músculos. Não quero que me comparem”. Praticar musculação, ter voz grave e vestir-se como um heterossexual são características partilhadas por esses entrevistados que buscam não serem reconhecidos publicamente como homossexuais para não estarem sujeitos a perspectivas condenatórias. Ainda mais numa cidade, como afirma Macho, “pequena e careta”.

Tem foto de rosto?

Brother, estudante do curso de Direito, 22 anos, ao ser questionado sobre a aparente incongruência de afirmar em seu perfil não

querer mostrar o rosto, mas sua primeira frase ser justamente um pedido de foto de rosto, diz que “é mania mesmo. Gosto de ir logo pra *cam* [câmera], mas sem mostrar o rosto. Belém é um ovo, né?”. O rosto, catalisador da identidade do indivíduo, é preservado, segundo Zago (2010), pois além de descortinar aquele que prefere o anonimato, ainda denuncia para os outros aquela homossexualidade mantida no armário. Especificamente no tocante à cidade de Belém, destacada pelo entrevistado como “ovo” [pequena], expor uma foto de rosto no perfil ou mostrá-la logo de pronto para alguém com quem ainda não se estabeleceu uma relação de confiança, seria a mesma coisa que assumir publicamente algo que se quer esconder e, como conclui Brother, “ser apontado como viadinho no Mormaço ou no Palafita¹¹”.

As artimanhas utilizadas para a troca de fotografias, passo inicial para uma conversa mais prolongada, com o uso, inclusive, de *WebCam*, passam por certa avaliação. Brother elucida essa perspectiva ao ressaltar que “a *cam* tem fone e o papo por voz nunca falha. Cara, viadinho se denuncia logo”. A fotografia usada no perfil é usada como engodo para atrair o outro, mas não garante contato, pois “foto tem filtro, mano, malandro não se cria comigo, quero vídeo, quero áudio”. Sherry Turkle (1997) destacou que são a opção do anonimato e a fluidez as principais características que demarcam a diferença da internet em relação a outras formas de comunicação e sociabilidade. É possível, através destas particularidades, optar por viver diversas experiências, acionando ou refutando determinados aspectos da identidade, de acordo com o contexto.

A fim de uma pegação no sigilo? Atv, Pass ou Verst?

A ideia de não se parecer com os estereótipos de homossexuais facilmente identificáveis, segundo eles, por serem desprovidos de voz grave e músculos evidentes, os coloca dentro do que Sedwick (2007) classificou como “armário”. Para ela, o armário é de suma importância para os gays, pois ele representa a maior característica daqueles que não querem perder

¹⁰ Tanto na fala dos entrevistados, bem como nas de muitos homossexuais que interagem na sociabilidade gay na cidade de Belém, é corriqueiro o fato de haver poucos locais de sociabilidade, como boates e saunas, por exemplo, transformando os frequentadores [alvos sempre em exibição], o que acaba comprometendo aqueles que evitam exposição excessiva, ou que preferem uma variedade maior de pessoas para interagir.

¹¹ “Mormaço” e “Palafita” são dois bares, localizados no bairro da Cidade Velha, em Belém, mas que não são destinados ao público homossexual, embora este público seja bem significativo nos dois lugares.

sua vida social, mesmo essa vida sendo praticada no anonimato (Sedwick, 2007). Basta uma rápida conferida nos perfis do *Grindr* para perceber como a lógica do armário funciona. A maior parte dos usuários oculta sua face, preferindo expor determinadas partes do seu corpo, como se o corpo assumisse a identidade daquele ser, ou, nas palavras de Zago, são “armários de vidro com corpos-sem-cabeça” (Zago, 2013, p. 419).

A escolha pela não exposição do rosto traz consigo uma miríade de implicações, uma já ressaltada, que é ser apontado na cidade como homossexual, dada a visão micro que muitos usuários têm de Belém. Contraditoriamente, é perceptível, em diversos perfis, a exigência da foto de rosto, como uma espécie de senha para iniciar um contato, fato que nos remete às heterotopias de Foucault (2013), notadamente no seu quinto princípio, quando ele classifica o acesso à determinada alocação mediante a exigência de permissões. Entretanto, Foucault (2013) salienta que passar pela exigência inicial não quer dizer ser incluído, muito pelo contrário, pois essas heterotopias são comumente avaliativas, bem ao propósito do aplicativo aqui analisado, uma vez que no *Grindr*, os usuários iniciam os procedimentos de acesso com a exigência da fotografia, passam pela masculinidade, como ressaltado pelos dois entrevistados anteriores.

Nessa perspectiva, o *Grindr*, quando pensado em analogia a esse princípio foucaultiano, estabelece regras¹², que, por sua vez, podem ser burladas. Contudo, o usuário que foge às recomendações do aplicativo e prefere não preencher algum dado ou não acrescentar foto do corpo/rosto – escolhendo uma foto de paisagem, por exemplo – não terá muitos usuários interessados em seu perfil. Em relação a esse tipo de heterotopia, fazemos relação com a afirmação de Foucault (2013): “A entrada pode ser compulsória [...] ou através de um rol de rituais ou purificações [...] ritos que não são só parcialmente higiênicos” (Foucault, 2013, p. 8).

Ampliando esse viés destacado por Foucault (2013) e associando-o ao aplicativo, podemos fazer as seguintes inferências: (i) embora a descrição na página do *GooglePlay* esteja em português, o *app* é em inglês, o que limita o preenchimento de determinados quesitos, normalmente deixados em branco, tais como o

Height (altura), *Weight* (peso) e *Relationship* (relacionamento), segundo reclamações dos usuários por meio de comentários na referida página. A dificuldade com a língua inglesa ainda serve como uma barreira segregacionista, pois alguns interlocutores afirmam que ao analisar um perfil próximo, compreendem que “peso”, “altura” e “tipo físico” (*body type*) são básicos, mas quando em branco, revelam, para muitos deles, que o outro não entende inglês, fato que serve como ponto de exclusão; (ii) ao apresentar “tribos” aos usuários, o *Grindr* estimula-os a se posicionarem dentre um leque de possibilidades já estabelecido pelo aplicativo; (iii) no item *About Me* (Sobre Mim), mesmo não havendo estímulo evidente por parte do *app*, é onde as preferências sexuais são, normalmente, sinalizadas, além de servirem para o indivíduo rechaçar as características que não gosta no outro, quando diz não gostar, por exemplo, de gordos, “magrelos” ou “afeminados”; (iv) ainda na destrição do *GooglePlay*, de acordo com o texto do site original do aplicativo, há o estímulo para a busca de “sexo casual”, fato que também é motivo de reclamação por parte de alguns que não buscam esse tipo de contato, mas, sim, uma relação duradoura.

De modo distinto ao que prevê oficialmente o *app*, Parça, biólogo de 23 anos, busca um relacionamento sério. A possibilidade, entre muitas outras, de ter um relacionamento sério, tece a rede de estratégias por ele definida como “a vida é curta e tô aqui pra analisar propostas”. Pensamento consoante ao de Presença, que além de afirmar não compreender o motivo de estar solteiro, uma vez que no seu entendimento ele possui características muito desejadas, como ter “um rosto *top*, branquinho, um corpo sequinho e musculoso, voz e jeito de macho”, mas que ao notar que o outro não tem “voz” e “jeito de homem”, fica frustrado e permanece solteiro. Recuero (2012) argumenta que os perfis da internet são uma forma dos sujeitos demarcarem suas presenças em um espaço caracteristicamente fluídico e sem concretudes de espaço. Assim, o sujeito se constrói performativamente através de fotos, assuntos que se interessa ou que publica, a maneira como se expressa, os amigos que possui, dentre outros: “A conversação, portanto, constitui e reconstrói o perfil, oferecendo elementos para a construção de identidade e

¹² Na página do *GooglePlay*, na qual o *app* pode ser baixado gratuitamente, há uma descrição sobre como o usuário pode encontrar mais rapazes, como “Encontre o rapaz perfeito [...] Selecione uma ‘Tribo’ que te define: urso, garoto, bombado e várias outras”.

também dependendo desta para se construir através de performances conversacionais com outros atores” (Recuero, 2012, p. 141). Presença ressalta que quando encontrar um “cara de boa, que seja ‘macho que nem eu’, namoro de boa, mas no sigilo, claro”, expondo-se ao que Miskolci (2009), asseverou como “um armário para dois”, que é quando dois homens, que se entendem como gays, querem estar junto, mas numa relação em sigilo.

As listas de exigências tanto de Parça, como de Presença, por mais diversificadas que sejam, apontam para uma expansão da noção de armário, já destacada por Miskolci (2009) quando afirma que o armário pensado por Sedgwick (2007) ganhou reverberações no momento que a busca por relações duradouras na cibercultura exige o anonimato do outro, pois se eu estou resguardado, exijo que o outro também esteja.

“Quando o cara diz que é versátil, caio logo fora. Sabem que ele é bicha e dá pinta, muita pinta. Certeza, cara”. É assim que Viril, geólogo de 23 anos, responde quando indagado sobre não querer se relacionar com os declaradamente versáteis, ou seja, aqueles que optam por ser tanto ativos, quanto passivos durante uma relação sexual. A insistência de usuários como Parça, Presença, Viril e tantos outros em querer confirmar os atributos que os interlocutores dizem ter é para tirar uma dúvida muito comum entre quem se identifica somente como passivo: saber se o outro é “ativo de verdade e não um versátil que quer fuder de qualquer jeito”, como Viril destaca. A distância mantida tanto por ativos e passivos em relação ao versátil é controversa, pois os primeiros acusam esses últimos de “serem promíscuos e não saber o que querem, além de darem pinta”, como afirma Presença.

Possuir postura máscula, de “macho”, mas ser passivo e procurar somente ativos, em nada fere a condição de “muito macho” de Viril, pois ele afirma que “ninguém diz que sou gay, cara, falo grosso e não ouço Madonna, nem vejo *Looking*¹³”. Ao distanciar sua imagem de ícones midiáticos do universo gay, como a cantora Madonna, símbolo notável da cultura homossexual global, significa para o entrevistado uma espécie de *habeas corpus*, livrando-o de ser comparado aos demais homossexuais

que possuem tais preferências. Como afirma Thürler (2011), dentro da sociedade brasileira, em que os corpos e mentes estão curvados diante da racionalidade do desejo, os corpos das “masculinidades precárias” são monitorados, percebidos demais pelo olhar condenatório, e muitas vezes alvo dos meios de comunicação de massa, a partir do qual o homem, desde a mais tenra idade, é forçosamente testado ante os aliciamentos que questionem sua virilidade. O homem jovem busca desesperadamente destruir todos os traços de uma provável misoginia, isso nada tendo a ver com sua prática sexual, pois dentro desse raciocínio, a aparência antecede a essência.

Colocando tais assertivas em xeque, Flex afirma que gosta de “dar e comer de boa. Não tenho neura, sou eu e pronto. Sou macho, mas gosto de comer e dar o cu”. Embora haja discrepâncias entre os representantes das três preferências aqui analisadas, há características que os assemelham, como a manutenção da masculinidade e a busca por um parceiro que também a tenha. Mesmo sendo atendente de uma loja de departamentos, morando num bairro periférico da cidade, não possuindo nenhum tipo de qualificação profissional, e tendo sido abandonado pelo pai quando ainda era criança, Flex diz que é de classe média e leva uma vida boa, vai a festas, frequentemente vai a Salinas¹⁴. Perguntado sobre se a questão financeira pesa na hora da escolha amorosa, ele responde que prefere “antes de saber se o cara tem dinheiro, saber se ele é versátil, depois vejo se ele trabalha ou não”.

Desencanado, universitário de 21 anos, afirma que prefere não se envolver com ativos e nem com passivos convictos, pois não é “mulherzinha pra levar vara sempre e nem o comedor pra comer sempre”. Prefere um versátil, pois “tem dia que quero dar, tem dia que quero comer e tem dia que quero fazer as duas coisas”. Afirma ser moreno e de classe média, pois faz faculdade, então não é pobre, pois “pobre mora em invasão¹⁵ né? Eu moro em rua asfaltada, perto de tudo”.

Verst, dançarino de 25 anos, não problematiza suas preferências. Embora assuma ser versátil, afirma gostar de sexo e sai “com ativo, com passivo, com versátil, com tudo. Quero mesmo é fazer onda”. Assume ser negro e ma-

¹³ Série de comédia dramática, da HBO, sobre três amigos gays que vivem em São Francisco.

¹⁴ Salinópolis, nome oficial do município, fica na região nordeste do Pará e é famoso pelas praias de água salgada e areia fina que atraem muitos turistas, principalmente da capital.

¹⁵ Aglomerações urbanas desordenadas originadas a partir da ocupação de terrenos desocupados na cidade.

cho, pois “preto e pobre já é encarado errado pela sociedade, ainda mais viado né? Piorou se ele dá pinta. Ai, fudeu”.

Esses três últimos entrevistados carregam consigo algumas semelhanças, mesmo que não queiram compartilhá-las, tais como: não são brancos, não fazem parte de uma classe social detentora de poder – o que fica perceptível em suas falas ao tentarem afastar-se dos grupos marginalizados – e são estigmatizados pelos demais usuários do *Grindr* entrevistados por conta de suas preferências sexuais.

Nessa perspectiva, é possível considerar o que Moutinho (2014) chama de “marcadores sociais da diferença e da desigualdade social”, que é o resultado direto da miscigenação brasileira que pune os não brancos em diversos aspectos, como o social, o cultural, o racial e o sexual. Os dois primeiros grupos aqui analisados – ativos e passivos – assumiram-se brancos, escolarizados, viajados e relativamente cultos, detentores de uma masculinidade que os absolve, juntamente com os adjetivos anteriormente citados, da condenação sumária por conta de sua orientação sexual, ou pelo menos suaviza tal condenação. O último grupo – versáteis – no qual houve uma heterogeneidade no tocante à cor, pois dois se assumiram “morenos” e somente um disse ser negro, ficou evidente uma fissura existente em diversas cidades brasileiras: a subalternização sofrida no que concerne à cor, ao gênero e à classe social¹⁶ e que perpassa e condiciona de certo modo as interações no aplicativo estudado.

Considerações finais

O universo do ciberespaço propiciou a criação de novos sentidos e significados, pois a constituição de ambientes virtuais oportunizou que vozes tradicionalmente pouco audíveis ganhem espaço e expressão. O mesmo ocorre em relação aos desejos e relacionamentos sexuais e afetivos.

Navegando pelo dilúvio da cibercultura (Lévy, 2009), concluímos que os usos do aplicativo de sociabilidade estudado, problematizam a máxima de que a internet seria uma “terra sem lei”, o paraíso dos anônimos, o lugar onde cada um pode ser o que quiser. Isso porque nos hiatos das ações e das intenções,

podem-se perceber os pedaços das vidas e identidades que alimentam os simulacros, sejam aqueles camuflados por fotografias adulteradas por camadas nem sempre generosas de filtros embelezadores, seja por frases que idealizam *personas* desejosas pela singularidade do ser, como a barba exigida, a voz grave e sem dissonâncias, que certamente dirá alguma frase amorosa e que desarmará corações e mentes pautados em vigilâncias, ou pela masculinidade sempre exposta, desejada, sonhada.

Conclui-se, enfim, que independente dos esforços gastos na busca incansável por anonimato nos perfis estudados no *Grindr*, os rastros da identidade original, daquela que se quer fugir (e/ou se distanciar), estão sempre presentes. O ambiente estudado apresenta-se, assim, como proporcionador de performances nas quais o sujeito opera códigos, imagens, intencionalidades próprias, em uma forma de mostrar e esconder as realidades vividas nos diversos contextos em que transita.

Referências

- BENAKOUCHE, T. 2000. Educação à distância (EAD): uma solução ou um problema. In: Encontro Anual da ANPOCS, XXXIV, Petrópolis, 2000. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/conpedi.pdf>. Acesso em: 26/05/2015.
- COURTINE, J.-J. 2005. Os Stakhanovistas do Narciso: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: D.B. de SANT'ANNA, *Políticas do corpo: elementos de uma história das práticas corporais*. São Paulo, Estação Liberdade, p. 81-114.
- FOUCAULT, M. 2011. *História da Sexualidade I: a vontade do saber*. Rio de Janeiro, Graal, 152 p.
- FOUCAULT, M. 2013. De espaços outros. *Estudos Avançados*, 27(79):113-122. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705/71285>. Acesso em: 06/05/2015.
- GALVÃO, R.F.; CORREA, R. do S. da S. 2015. Belém. PA: mudanças na urbanização da metrópole amazônica. *Chão Urbano*, ano XV, nº 2, s.p. Disponível em <http://www.chaourbano.com.br/adm/revistas/arquivosArtigos/artigo89.pdf>. Acesso em: 01/05/2015.
- GOÊS, F. 1998. *Em nome do corpo*. São Paulo, Ed. Rocco, 248 p.
- GRUPO HOMOSSEXUAL DO PARÁ (GHP). 2005. Nova Cartografia Social da Amazônia: movimentos sociais e conflitos nas cidades da Amazônia. Fascículo 2. Homossexuais na cidade de

¹⁶ A questão racial, assunto importante e que, exatamente por isso, merece uma discussão mais detalhada, não foi abordada nesse estudo com a amplitude que merece, em virtude do escopo. Apenas evidenciamos tal caráter por conta da visível fissura existente entre os grupos aqui estudados.

- Belém. Disponível em: <http://novacartografia-social.com/fasciculos/movimentos-sociais-e-conflitos-nas-cidades-da-amazonia/>. Acesso em: 18/06/2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2014. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Contagem Populacional. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/d...> Acesso em: 18/06/2015.
- LANDOWSKI, E. 1992. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo, EDUC/Pontes, 214 p.
- LEMO, A. 2005. Cibercultura e Mobilidade: A Era da Conexão. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVIII, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>. Acesso em: 10/05/2015.
- LÉVY, P. 2009. *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34, 264 p.
- MAUSS, M. 1974. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU, 536 p.
- MISKOLCI, R. 2009. O armário ampliado - notas sobre sociabilidade na era da internet. *Gênero*, 9(2):171-190. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/88>. Acesso em: 07/08/2015.
- MISKOLCI, R. 2013. Desejo e Mídia. Entrevista concedida ao programa Diálogos, TV UNESP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RgBYhARnhJY>. Acesso em: 17/03/2015.
- MOUTINHO, L. 2014. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cadernos Pagu*, (42):201-248. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100201&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 21/02/2015.
- PEIRANO, M. 1995. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 178 p.
- RABINOW, P. 1999. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 202 p.
- RECUERO, R. 2009a. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *Revista da Famecos*, 1(38):118-128. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5309/3879/%3E>. Acesso em: 03/03/2015.
- RECUERO, R. 2009b. Em busca das “Redes que importam”: Redes Sociais e Capital Social no Twitter. *Revista Libero*, 12(24):81-94. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/6787/6129>. Acesso em: 10/04/2015.
- RECUERO, R. 2012. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre, Sulina, 238 p.
- SANTAELLA, L. 2004. *Corpo e Comunicação: Sintoma da cultura*. São Paulo, Paulus, 163 p.
- SILVA FILHO, M.R. da. 2015. “E a Quadrilha Toda Grita... Viva a Filha Da Chiquita!” Notas Etnográficas da Festa da Chiquita Em Belém-PA. *Revista Ponto Urbe*, n. 16. Disponível em: <https://pontourbe.revues.org/2646>. Acesso em: 19/03/2017.
- SIMKHAI, J. 2010. Entrevista a Joel Simkhai criador de Grindr. Portal Ambiente G. Disponível em: <http://www.ambienteg.com/personajes/entrevista-a-joel-simkhai-criador-de-grindr-una-version-lesbicahetero-de-grindr-pronto-estara-lista/>. Acesso em: 01/09/2014.
- SEDGWICK, E. 2007. Epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 1(28):19-54. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em: 11/02/2015.
- THÜRLER, D. 2011. Masculinidade precária. *Revista Contemporâneos*, n. 8, mai/out. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n8/dossie/masculinidade%20precaria.pdf>. Acesso em: 17/06/2015.
- TURKLE, S. 1997. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa, Relógio D'Água, 482 p.
- VIEIRA, M. do C. 2013. *Os jovens flâneurs.com: a construção e a liquidez da identidade no espaço das redes sociais da Internet*. Belém, PA. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará, 220 p.
- VIEIRA, M. do C. 2016. Identidade e internet: (des) construções de comunicação e de gênero nas redes sociais entre os jovens. *Comunicação e Inovação*, 17(33):22-34. Disponível em: <http://tinyurl.com/joonyu4>. Acesso em: 08/04/2016.
- ZAGO, L.F. 2010. Com quais corpos se fazem as masculinidades gays? A biossociabilidade emergente através da internet. In: VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero, VIII, Curitiba, 2010. *Anais...* Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Disponível em: http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E13_Com_quais_Corpos.pdf. Acesso em: 11/04/2015.
- ZAGO, L.F. 2013. Armários de vidro e corpos-sem-cabeça na biossociabilidade gay online. *Revista Interface*, 17(45). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/2013nahead/aop0513.pdf>. Acesso em: 11/04/2015.
- WOLTON, D. 1999. *Pensar a comunicação*. Miraflores, Difusão, 544 p.

Submetido: 09/05/2016
Aceito: 14/06/2016